

Do *habitus* à unidade da força no pensamento steiniano: abertura para compreensão da virtude no luto

RESUMO

A recorrência do conteúdo das virtudes nas narrativas de enlutados suscitou indagações: Por que e como as virtudes emergem nas elaborações do luto? Esta questão deflagradora motivou a pesquisa teórica pela fenomenologia husserliana que nos conduziu à antropologia filosófica de Edith Stein. Na descrição fenomenológica da constituição da pessoa humana, Stein apresenta o conceito de unidade da *força*, noção que ela acrescentou ao pensamento tomista e que nos permitiu compreender: a relação entre *habitus*, atos da vontade e virtude; a abertura que a concepção de *habitus* proporciona para compreendermos a unidade da *força* no pensamento steiniano; a dimensão do espírito como fonte de *força*; a relação do dinamismo da *força* com atos da vontade; a concepção da virtude como potencialidade que foi atualizada no âmbito da dimensão do espírito. Concluímos que virtude tem conotação específica de *habitus* em seu caráter constitutivo da pessoa e que necessita do agir humano no contexto biopsicossocial e espiritual para se atualizar, podendo revelar-se como um fortalecimento da expressão pessoal.

Palavras-chave: *habitus*; unidade da *força*; virtude; luto.

ABSTRACT

The recurrence of the content of virtues in the narratives of mourners raised questions: Why and how the virtues emerge in mourning elaborations? This sparking question motivated the theoretical research by Husserl's phenomenology that led us to the philosophical anthropology of Edith Stein. In the phenomenological

* Professor Associado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia Social. Email: mmahfoud@yahoo.com

** Professora substituta do Departamento de Psicologia do Centro de Humanidades II da Universidade Federal do Ceará. Mestre em Psicologia Social. Email: castanhadequeiroz@gmail.com

description of the constitution of the human person, Stein introduced the concept of unity of *force*, a notion that she added to Thomistic thought and that allowed us to understand: the relationship between *habitus*, acts of will and virtue; the opening that the conception of *habitus* provides to understand the unity of the *force* in steinian thought; the dimension of the spirit as a source of *force*; the relationship between the dynamic of *force* with acts of will; the conception of virtue as actualization of potentiality in the spirit's dimension. We conclude that virtue has specific connotation of *habitus* in its constitutive character of the person and has necessity of human action in the biopsychosocial and spiritual context to update and may prove to be a strengthening of personal expression.

Keywords: *habitus*; Unit of *force*; virtue; mourning.

A fenomenologia como luz para adentrarmos a escuridão do luto

A imagem de um caminhante sem mapa ou outro instrumento de localização numa estrada desconhecida em noite sem luar pode nos aproximar da descrição da sensação impactante vivenciada pelo ser humano com a perda de um ente querido. “Estamos sob tormentos e não há escapatória. A realidade, encarada de-tidamente, é intolerável” (LEWIS, 2006, p. 50). Tais palavras descrevendo a escuridão do enlutado são de C. S. Lewis (1898-1963). Dentre muitas histórias de perda, iniciamos nossa reflexão com a vivência deste escritor que revela a coragem de sentir, de pensar e de expor o que emergiu com a perda de H, sua amada. Ele fala da dor que abrange medo e angústia; do tédio e da raiva; da apatia e do tormento, traçando seu turbilhão de dúvidas sem autopiedade (QUEIROZ, 2010).

Essa é uma das coisas de que tenho medo. As agonias, os momentos enlouquecedores à meia-noite devem, no decurso da natureza, dissipar-se aos poucos: mas o que se seguirá? Só essa apatia, essa insipidez mortal. (LEWIS, 2006, p. 57).

Neste trecho, sua voz é como um eco para quem também perdeu um ente querido e se depara com uma vida de estranhamento.

A escuta das narrativas desse outro mundo que se apresenta abruptamente levou-nos a formular indagações que foram desveladas à luz da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e de sua discípula Edith Stein (1891-1942) ao desenvolvermos o estudo do luto¹ visando ampliar a compreensão das vivências de pessoas que perderam entes queridos. Ao escutar as narrativas² de pessoas vivenciando o luto

¹ Este estudo originou a dissertação “A virtude como ato na elaboração do sentido de vida no luto” (Queiroz, 2010) realizada sob orientação do prof. Dr. Miguel Mahfoud no Mestrado do Programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

² Observamos a recorrência das virtudes nas narrativas e reconhecemos a importância do tema no desenvolvimento dos processos tanto na Psicologia Clínica como também na Coordenação de grupos de apoio ao luto (Rede API: Apoio a Perdas Irreparáveis. BH, 2003/2009).

observamos com frequência o aparecimento das virtudes³ em suas diversas formas de expressão como fidelidade, coragem, generosidade, gratidão, misericórdia, temperança, tolerância, compaixão, entre outras. Tal recorrência nos suscitou diversas indagações: Por que este tema ressurge com tanta frequência nos questionamentos feitos pelas pessoas em luto? Por que citam as virtudes nas questões sobre a vida, família, amigos, significados, morte e Deus? Qual o significado de virtude⁴? Quais os significados das várias expressões da virtude⁵? Como podem contribuir com o luto?

Destas primeiras perguntas, outras foram desencadeadas: É possível ser mais humano consigo e com o outro dependendo do modo como o luto é elaborado? É possível viver a dor do luto e transformá-la em caminho de humanização ao invés de cair nos abismos da patologia ou da desumanização consigo e com outro? A pesquisa entrou por nova clareira com o estudo de Husserl e Stein que trouxe à tona nossa pergunta fundamental: Como se dá a relação da virtude com a dimensão do espírito? A partir desta formulação conseguimos clareza para nosso percurso teórico embasado no diálogo da psicologia com a filosofia⁶.

A fim de entrarmos pelas veredas, esclarecemos as perspectivas que regeram nossa caminhada. Primeiro, ressaltamos que ao eleger a Fenomenologia de Husserl como base epistemológica (1996, 2002), nosso olhar focou o processo do homem presente, inserido no *mundo-da-vida*, na relação de sentido com suas vivências. Com sua crítica ao positivismo, Husserl nos trouxe um caminho diferente para lidarmos com o ser humano e com o conhecimento em contraposição à busca por causas e efeitos, modo característico das teorias que sofreram a influência do positivismo. Com esta forma de conceber o homem nos encaminhamos para a compreensão de sentido do fenômeno em sua manifestação. Trata-se de uma abertura para os significados dos processos. Como segunda perspectiva, seguiremos pela antropologia filosófica steiniana, ou seja, a nossa visão de homem será iluminada pela teoria de Stein (2003, 2007) sobre a pessoa humana. Desta forma,

³ Estudamos as virtudes em Aristóteles (1987), Pieper (1998), Reale (2001, 2002a, 2002b, 2005), Tillich (1976), MacIntyre (2001a, 2001b), Perine (1996, 2009), Berti (1997), Erikson (1985) e identificamos o conceito na abordagem da constituição da pessoa humana de Stein (2003). Neste artigo, vamos nos ater às discussões da virtude em Edith Stein (2003) e Alasdair MacIntyre (2001a, 2001b).

⁴ Destacamos pensadores que se destacam no discurso sobre as virtudes: Sócrates (469 a.C. – 399 a.C.), Platão (427 a.C. – 347 a.C.), Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.); Epicuro (341 a.C. – 270 a.C.), os estoicos como Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) e Sêneca (4 a.C. – 65) na era helenística; Agostinho de Hipona (354 – 430) e Tomás de Aquino (1225? – 1274) na filosofia medieval; Michel de Montaigne (1533 – 1595) no fim da renascença; Baruch de Espinosa (1632 – 1677) e Immanuel Kant (1724 – 1804) como expoente na filosofia moderna. No século XX, alguns dos autores que discutem a virtude no contexto atual: Friedrich Nietzsche (1844 – 1900); Émile Chartier conhecido como Alain (1868 – 1951); Joseph Pieper (1904 – 1997), Eric H. Erikson (1902–1994), Alasdair MacIntyre (1929 –).

⁵ Ressaltamos expressões das virtudes mais recorrentes nas narrativas do luto e citamos, dentre outros, autores que se debruçaram sobre os temas: Coragem (Sócrates, Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino; Tillich, 1992); Prudência (Aristóteles, Epicuro, Agostinho, Kant; Perine, 2009); Fidelidade (Montaigne; Erikson, 1985); Generosidade (Agostinho, Spinoza); Gratidão (Spinoza, Kant); Misericórdia (Spinoza); Temperança (Pieper, 1998); Tolerância (Pieper, 1998; Côrrea, 2008); Compaixão (Spinoza, Kant; Côrrea, 2008).

⁶ Na dissertação formulamos um conceito psicossocial de luto fundamentado na categoria de *mundo-da-vida* elaborada por Husserl (1996) e na perspectiva da descrição fenomenológica de pessoa humana de Edith Stein (2003). Esclarecemos noções fundamentais destes autores em Ales Bello (2000, 2004), Zilles (1996), Amatuzzi (2008), Massimi (2001, 2006) e Mahfoud (2005, 2008).

podemos refletir sobre as virtudes no luto, não como resultado; mas, sim, como um processo que abre possibilidades. A terceira perspectiva, verdadeira clareira, foi aberta com conceitos fundamentais da antropologia filosófica de Edith Stein: atos da vontade, *habitus*, *força* e unidade da *força*.

Conceitos fundamentais: *mundo-da-vida* e pessoa humana

A expressão *mundo-da-vida*, o *Lebenswelt* de Husserl, descreve o contexto histórico-afetivo-social do ser humano em suas múltiplas relações e na doação de significados. Como terreno da compreensão da subjetividade, esclarece nossos caminhos para a reflexão sobre os novos sentidos que se apresentam na vida a partir dos impactos vividos com a morte de uma pessoa querida. A seguinte reflexão confirma que fenomenologia pode contribuir para a ampliação da compreensão do homem vivendo elaboração de sentidos:

Contemplar o mundo a partir da nossa atitude fenomenológica significa vê-lo pura e exclusivamente do modo como adquire sentido e validade existencial em nossa vida de consciência e em configurações sempre novas. (ZILLES, 1996, p. 43).

Utilizaremos “o mundo do luto” para designar o novo e impactante contexto de vida cotidiano, o novo mundo que repentinamente emerge a partir da experiência da morte de uma pessoa querida provocando o aparecimento inevitável de indagações e emoções, antes desconhecidas. A nova realidade cotidiana, ou seja, o inesperado *mundo-da-vida* da pessoa em luto apresenta-se numa dinâmica singular e desafiadora de transformações diante do impacto da perda que pode se configurar como paralisante para muitas pessoas. A escuta abre possibilidades para novas formas de contato com o *mundo-da-vida*.

Podemos dizer que no grupo de apoio ao luto, acolhemos o fenômeno que se manifesta através da narração feita pela pessoa em luto; lidamos com a reconstrução do que foi vivido. Este conjunto de vivências que a pessoa nos apresenta faz parte de uma totalidade que pode ser nomeada como seu *mundo-da-vida*, expressão que traduz o *Lebenswelt*. (QUEIROZ, MAHFOUD, 2010, p. 42).

A fim de lidar com a complexidade do ser humano diante da morte, buscamos as bases de sustentação no pensamento de Husserl e Edith Stein pelo fato destes filósofos nos proporcionarem uma visão aprofundada de ser humano com possibilidades de abertura para si, para o outro e para a totalidade. Com a clareza no conhecimento do método fenomenológico husserliano, Stein realizou a redução eidética no trabalho de fixar a atenção *nas coisas mesmas* a fim de dirigir a atenção ao essencial do ser humano na obra *A estrutura da Pessoa Humana* (STEIN, 2003). Ela explicita a forma e função do olhar que fixa a atenção *nas coisas mesmas* e capta o essencial:

Não interrogar as teorias sobre as coisas, deixar fora, tanto quanto seja possível, o que se ouviu e leu e as composições de lugar que a si mesmo se tem feito, para melhor aproximar-se das coisas com um olhar livre de pré-conceitos e beber da intuição imediata. Se quisermos saber o que é

o homem, precisamos nos pôr do modo mais vivo possível na situação em que experienciamos a existência humana, quer dizer, o que dela experimentamos em nós mesmos e nos nossos encontros com outros homens. (STEIN, 2003, p. 590).

É na profundidade da visão steiniana de homem que nos alicerçamos para refletir sobre a totalidade da pessoa humana reconhecida no dinamismo e unidade de suas dimensões – corpórea, psíquica⁷, espiritual - na perspectiva de sua ação e relação com outras pessoas no mundo e incluindo os elementos de sua realidade social e histórica. A abertura da dimensão do espírito (STEIN, 2003) é a primeira característica que ela nos apresenta na descrição do que é específico do humano: a possibilidade da pessoa se dar conta de si mesma no que ela experimenta, é o poder saber de seu próprio ser e de sua própria vida. Esta percepção que a pessoa humana pode ter de si mesma, a torna consciente de si: “Mediante esta percepção, sou consciente de mim mesmo, não meramente da corporalidade, senão de todo o eu corporal-anímico-espiritual.” (STEIN, 2003, p. 594). A dimensão do espírito implica em compreendermos o homem como ser de possibilidades de transformação. O que antes poderia passar despercebido no correr do dia a dia, pelo contrário, coloca-se em relevo. Na vivência da perda de um ente querido e no tempo de elaboração do luto podemos nos deparar tanto com a aridez como também com a fertilidade, no próprio terreno da dor. Neste tempo de se situar no outro mundo, o homem tem possibilidades de redescobrir outros olhares e posicionamentos quando apreende que seu mundo não se reduz ao espaço físico e que integra heranças culturais, crenças, valores, afetos e relacionamentos. Ao elaborar a concepção de *Lebenswelt*, o *mundo-da-vida*, Husserl escreveu sobre *Umwelt*, o mundo circundante vivido na dimensão do espírito:

Mundo circundante (*Umwelt*) é um conceito que tem seu lugar exclusivamente na esfera espiritual. Que nós vivemos em nosso respectivo mundo circundante, ao qual estão dirigidas todas as nossas preocupações e esforços, designa um fato que sucede puramente no plano espiritual. (HUSSERL, 1996, p. 62).

Com a dimensão do espírito que implica em *despertar* e em *abertura* (STEIN, 2003), o conceito de pessoa humana nos possibilita ir além da dimensão da corporeidade e da dimensão psíquica que abarca sensações, percepções, afetos e emoções. Sendo assim, podemos contemplar o sujeito perguntando sobre a sua condição humana e sobre os sentidos que encontra em si mesmo e no mundo, ou seja, aberto para a vivência do *mundo-da-vida*.

Não somente *sou* e nem somente *vivo*, mas *sei* de meu ser, de minha vida. E tudo isto é uma só coisa. A forma originária do saber que pertence ao ser e à vida espiritual não é um saber *a posteriori*, reflexivo, onde a vida se torna um objeto de conhecimento; é como uma luz atravessando a vida espiritual. Também a vida espiritual é saber originário acerca de coisas

⁷ Edith Stein utiliza a palavra “anímica” com o significado de “psíquica”, por exemplo, ao desenvolver o tema da intencionalidade (STEIN, 2003).

diferentes de si mesmo. Quer dizer estar apto para outras coisas, olhar um mundo diante da pessoa. O saber de si mesmo é abertura para dentro, o saber de outras coisas é abertura para fora. (STEIN, 2003, p. 648-649).

A força de humanização – a virtude - no novo mundo que emerge no luto

Em busca de luz nas veredas, vejamos o conceito geral de virtude que além de nos remeter à ideia de força e poder, revela o “sentido do hábito ou maneira de ser de uma coisa, hábito que se torna possível por haver previamente nela uma potencialidade ou capacidade de ser de um modo determinado” (FERRATER MORA, 2001, p. 3027). Referindo-se, especificamente aos seres humanos, podemos conceituá-la como poder ou força de humanidade. Na descrição da pessoa humana, identificamos presença da virtude:

uma nova via de acesso para compreender as “potências” e, por meio delas, provavelmente uma compreensão mais profunda destes mesmos fatos. Na terminologia latina, encontramos expressões usadas como alternativas a “potência”: *virtus*, virtudes, faculdades. A estes termos corresponde aproximadamente uma série de expressões de nosso idioma: disposições, forças, faculdades, capacidades. É patente que com cada uma delas nos referimos à mesma coisa desde um ponto de vista diferente. (STEIN, 2003, p. 701).

Para dialogar com Edith Stein, trazemos MacIntyre (2001a, 2001b) que nos oferece uma revisão histórica diferenciando as noções da virtude desde a Antiguidade. Ele nos conduz na reflexão dos conceitos de cada época até chegar ao contexto atual que nos instiga a reconhecer a necessidade do sentido e da finalidade da virtude em nosso cotidiano, indo além das necessidades individuais e estendendo-se à vida da coletividade, tarefa que exige a recuperação da vivência da totalidade e da unidade da vida. Ele nos mostra as grandes transformações sofridas por este conceito:

na teoria homérica, o conceito de virtude é secundário ao de *papel social*, na teoria de Aristóteles, é secundário ao da *vida boa para o homem*, concebida como o *télos* da atividade humana e, na teoria bem posterior de Franklin, é secundário ao de utilidade [...] se torna claro o caráter complexo, histórico e multifacetado do conceito central de virtude. (MACINTYRE, 2001b, p. 314).

É um termo presente desde a Antiguidade que tem a necessidade de ser compreendido em sua profundidade, podendo ultrapassar as deformações que sofreu em sua raiz que nos aponta para um chamado de humanização e de cuidado com a vida. As diferenças na forma de concebê-la ainda desafiam a compreensão contemporânea e

essa má interpretação é resultado de uma longa história de fins da Idade Média até o presente, durante a qual as listas predominantes de virtudes mudaram, a concepção das virtudes individuais mudou e o próprio

conceito de uma virtude se tornou diferente do que era. (MACINTYRE, 2001b, p. 379-380).

Com afinidades ao pensamento steiniano, MacIntyre considera a possibilidade da virtude na vida contemporânea tendo como referência o horizonte da experiência comunitária:

É Aristóteles, na discussão do livro IX da *Ética a Nicômaco* [1166a 1-1166b 29], quem, possivelmente, melhor descreve como as virtudes permitem ao ser humano ver a si mesmo e aos demais, e ver sua relação com os demais, como membros ou potenciais membros de alguma rede de reciprocidades. (MACINTYRE, 2001b, p. 189).

Alteridade e Intersubjetividade na constituição da relação pessoa-comunidade

Os desafios da compreensão da virtude nos mostram a necessidade de reflexão sobre alteridade e intersubjetividade, facetas da afetividade implícitas à noção steiniana de comunidade. O sentido geral de comunidade pode nomear situações passageiras ou duradouras “onde existem não somente as relações mútuas entre as pessoas, mas também aquelas pessoas comparecem como uma unidade e formam um ‘nós’” (STEIN, 2003, p. 716). No sentido restrito é a “comunidade permanente de vida entre pessoas que afeta a essas pessoas na profundidade de seu ser e lhes confere uma presença duradoura” (STEIN, 2003, p. 716). No contexto das relações, destacamos a intersubjetividade, termo desenvolvido no pensamento de Husserl que teve, posteriormente, continuidade em Stein:

Este “nós” é a intersubjetividade transcendental na qual se constitui o mundo com validade “objetiva” para todos. Existe, assim, com fundamento na experiência transcendental, uma pluralidade de seres que são “em si e para si” e que para mim só se dão no modo de “outro”, como alteridade. (ZILLES, 1996, p. 34).

Sendo o conceito de intersubjetividade pertinente à constituição da pessoa humana ressaltamos a importância da comunicação, das relações afetivas na comunidade e da relação pessoa-comunidade. É na relação com o outro, na relação intersubjetiva que se formam os significados do mundo, ou seja, a elaboração de sentidos acontece na vivência comunitária.

Trata-se de uma fenomenologia da *intersubjetividade*. Para fugir do solipsismo, Husserl colocou a questão de como é possível refletir não somente acerca de si mesmo, mas também atingir o universal. Não apenas a vida da consciência individual é um campo de experiências completas a ser percorrido em si. Não somente eu posso dizer que existe um corpo, que existem os impulsos, os instintos, e pensar tudo isto com referência a mim mesmo, mas também posso refletir a vida da consciência universal que, para além do eu individual, une cada eu com outro eu, numa efetiva e possível comunicação. (ALES BELLO, 2004, p. 93).

Ao abordarmos a concepção husserliana de *mundo-da-vida* compreendemos a importância do reconhecimento do mundo que se dá na vida cotidiana como um grande mapa que abrimos para os significados do mundo e a construção do conhecimento. Para iluminar nosso percurso, ressaltamos a importância da concepção de *mundo-da-vida* em aliança com as noções de intersubjetividade, de alteridade e de vivência comunitária para pensarmos as virtudes no luto como possíveis fontes doadoras de significação após o impacto da perda.

Forma e alma humana para guiar a compreensão do *habitus*

Buscando mais luzes para a noite escura do luto, esclarecemos o uso da expressão aristotélico-tomista “alma humana” no pensamento steiniano e para isto vamos nos remeter ao conceito de *forma* explicitado como estrutura que constitui determinado ser em sua essência, em outras palavras, é a estrutura essencial que contém um sentido. A noção de *forma* foi utilizada por Aristóteles e depois por Tomás de Aquino, este a conceituou como a

estrutura íntima que define cada coisa, sim, mas enquanto tomando consistência num dinamismo que a ultrapassa. A forma é a ‘estrutura’ de alguma coisa, mas também é sua ‘vocalização’ no conjunto do universo. (AMATUZZI, 2003, p. 50).

Além de implicar numa estrutura, ela contém um sentido e possui uma “vocalização” compreendida como uma ordenação para um determinado sentido, que existe em si mesma. Assim, entendemos a alma humana como *forma*, determinada pelos princípios de sua operação própria que pressupõem a interação com o mundo: “uma operação de relação, de comunhão com tudo o mais” (AMATUZZI, 2003, p. 50). A complexidade da alma humana é esclarecida na progressão que aparece sucessivamente da alma vegetativa, para a sensitiva e, em seguida, para a racional. Esta complexidade da alma humana está também em aliança com a unidade das dimensões da pessoa humana. Considerando que “Alma é o princípio que dá vida a todos os viventes” (MASSIMI, 2001, p. 5) concluímos que é a estrutura que possibilita a condição de ser animado, trazendo o dinamismo, unidade e sentido. A alma individual nos revela a unidade, pois, é a *forma* ou estrutura que possibilita a existência da pessoa. Na seguinte descrição de Stein reconhecemos a ideia de unidade que se contrapõe aos riscos das visões dissociativas:

A alma não “habita” o corpo como casa, este não é colocado ou tirado como um vestido, e se os filósofos gregos o denominavam “cárcere” ou “tumba” da alma, referiam-se a uma vinculação estreita e dolorosa, referiam-se em todo caso a uma “vinculação.” (STEIN, 2003, p. 681-682).

Para Stein, referir-se à alma implica na visão de unidade, recuperar esta concepção possibilita a superação da visão dissociativa que predominou no pensamento moderno e nos aproximar deste ser humano reconhecendo-o em sua totalidade.

Possibilidade de sair da escuridão com o sentido genuíno de *habitus*

As noções anteriores nos conduzem ao conceito de *habitus*, que em sua origem diferencia-se do sentido usual de hábito com o significado de um costume, uma rotina ou uma atividade que foi tão repetida que já nos acostumamos com ela. Na verdade, o *habitus* “é o contrário de um ‘hábito’ que é um mecanismo já montado e fixo.” (MASSIMI, 2006, p.7). O que a princípio poderia parecer sutil, revela uma diferença fundamental que possibilita compreender o sentido de *habitus* como próprio da constituição humana. A raiz latina, *habitus* tem a correspondência em grego, *hexis* que nos remete ao significado de “uma constituição, um estado do corpo e da alma, uma maneira de ser; alguma coisa que se tem (habere=ter).” (MASSIMI, 2006, p. 7). É este o sentido – de *habitus* – que pode vir a oferecer luz ao caminhante por ter o significado de disposição que faz parte da dimensão psíquica como estrutura, algo que temos em nossa constituição universal; porém, como disposição, pode ou não ser atualizada, em outras palavras, pode ser ou não desenvolvida pelo homem.

Tendo origens em Aristóteles, este termo foi discutido por Tomás de Aquino ao estabelecer a distinção entre paixão, potência e virtude concluindo que esta última tem a conotação específica de *habitus*, ou seja, tem o caráter constitutivo e é estruturante da pessoa (TOMÁS DE AQUINO, 2000). Stein recebeu influências do pensamento tomista e reforça que o *habitus* necessita do agir humano para se atualizar, ou seja, as potencialidades da pessoa humana necessitam do contexto favorável para que sejam desenvolvidas; a pessoa humana pode ter as potencialidades e estas não chegarem a se converter em *habitus*: “as capacidades do homem que não encontram ocasião para se atualizar, podem ficar atrofiadas.” (STEIN, 2003, p. 647). O atrofiamento surge quando o homem não desenvolve suas potências, pois, as virtudes são potências em ato.

Com possibilidades de respostas para nossas questões, novas luzes se iniciam, pois, passamos a compreender a pertinência da virtude em nossa constituição humana. E, de posse do conceito de unidade da alma, na verdade, não estamos sem nada quando acreditamos que perdemos tudo. Stein enfatiza a inter-relação das potências confirmando-nos a presença da virtude e destacando que estas noções precisam ser pensadas na perspectiva de uma unidade da alma: “precisamente nas relações existentes entre as potências, os hábitos e os atos é onde melhor se confirma a unidade da alma.” (STEIN, 2003, p. 646).

A potencialidade que foi atualizada se converte em possibilidades e será relevante para a vida da pessoa como um todo, seja na perspectiva temporal, como também se irradiando nas dimensões corporais, psíquicas e espirituais. Isto se dá pela presença do núcleo da pessoa: “A dimensão da interioridade [...] um fundo da alma que me acompanha, uma espacialidade interior com o seu centro.” (ALES BELLO, 2000, p. 23).

A luz surpreendente do pensamento steiniano: a noção de força

Em situações da vida que nos deparamos com impactos, desafios e suportamos uma grande dor, como no luto, somos atingidos na parte mais pro-

funda de nosso ser. No entanto, nos damos conta, que temos uma força, no dizer do senso comum, que não sabemos de onde nasceu que nos possibilita reagir e transformar; ou, podemos também nos deparar com a falta da força que impede o prosseguimento da existência saudável. Na caminhada com Stein, saímos do senso comum e penetramos na clareza de conceitos que nos possibilitam compreender a *força* pertinente ao dinamismo e à complexidade da pessoa humana.

Aqui chegamos à região mais esclarecedora de nossa caminhada, a vereda de maior clareza que nos surpreendeu: todo o itinerário desenvolvido até aqui nos possibilitou vislumbrar a compreensão do conceito de *força* e de unidade da *força*. No pensamento de Edith Stein, a *força* é uma palavra que descortina o horizonte e nos confirma o dinamismo e a unidade das dimensões da pessoa humana. Ela própria questiona a lacuna conceitual desta noção por parte da psicologia. A compreensão deste termo se torna fundamental para que possamos compreender a dimensão do espírito como fonte de *força* e a relação com a virtude.

Destacamos a importância da presença dos conceitos aristotélico-tomistas em sua teoria, no entanto, a filósofa vai além ao introduzir o conceito inovador da *força*. Stein proporciona um aprofundamento e acréscimo ao pensamento de Tomás de Aquino:

Ela introduz um conceito aparentemente estranho ao pensador medieval, aquele de força vital, que já havia utilizado com sucesso na sua obra fenomenológica *Psicologia e ciência do espírito – Contribuição para uma fundação filosófica*. (ALES BELLO, 2000, p. 18).

Para compreendermos a noção steiniana de *força*, partimos da descrição dinâmica da filósofa na qual o corpo é considerado como *forma* completamente penetrado pela alma, que se converte em corpo penetrado pelo espírito, sendo este *materializado* e organizado:

O corpo está por completo penetrado pela alma, de maneira que não somente a matéria organizada se converte em corpo penetrado de espírito, senão que também o espírito se converte em espírito materializado e organizado. (STEIN, 2003, p. 682).

A ideia de unidade se contrapõe aos riscos das visões dissociativas. Sustentada pela fenomenologia husserliana, ela confirma a concepção do ser humano em sua unidade e descreve a *força* como propriedade das dimensões humanas. Ao explicitar a noção de vivência, esclarece o termo *força*:

A *força* é uma propriedade permanente do homem como um todo que não se vivencia diretamente, mas através do vivenciado de modo imediato: através, por um lado, dos “sentimentos vitais” próprios que a manifestam, e também através do modo em que executamos atos que têm em si mesmos um sentido inteiramente diferente, que por seu modo de serem executados se revelam como dependentes da força existente e então são experienciados como atividades de especial intensidade, que consomem muita força. (STEIN, 2003, p. 700).

Stein reconhece a *força vital* como propriedade inerente à unidade das dimensões humanas que nos dá abertura para o exercício das atitudes necessárias do viver. Ao tratarmos das potências, vimos que Stein ressalta que nem sempre todas podem chegar a se converter em *habitus*, seja em função da quantidade da *força* disponível ou em função de circunstâncias externas, evidenciando assim a complexidade humana em suas possibilidades e limites. O contexto biopsicossocial e espiritual vivenciado pela pessoa pode favorecer a atualização de determinadas potências em detrimento de outras, sendo assim, evidencia-se a relação da *força* com o conceito de potência e ato e com o *mundo-da-vida*. Na descrição da constituição da pessoa humana, Stein ainda acrescenta uma pluralidade de *forças* chamadas de potências, disposições e capacidades e enfatiza a presença da *força* na vida diária:

A alma humana possui uma força natural, diferente nas distintas almas; mas essa força natural não lhes corresponde à parte ou independentemente de toda sua constituição psicofísica; encontra-se vinculada a esta. Falamos de força corporal, não como algo mecânico mas orgânico, que se apresenta em crescimento (concretamente, em um crescimento com ordenação nas proporções determinadas), na atividade, no trabalho e no sofrimento. (STEIN, 2003, p. 685).

Esta descrição da *força* corporal nos dá a noção da organicidade que se irradia na unidade corpórea-psíquica-espiritual presente na vida prática. Esta *força* que pode também ser chamada de *força* espiritual, precisa ser bem conduzida para se conservar e ter continuidade, considerando que ela se consome ao se atualizar, no movimento e no dinamismo próprio da vida. Cabe ao homem a decisão de aprender e encaminhar de forma apropriada o uso da sua *força* corporal, da psíquica e a espiritual considerando suas interdependências:

A força corporal e a força espiritual não são independentes entre si: quando nosso corpo se cansa, isto é, tem um esforço corporal, o rendimento espiritual é inteiramente impossível ou possível somente com um grande esforço. E vice-versa: o esforço espiritual produz cansaço corporal. (STEIN, 2003, p. 685).

A concepção steiniana de *força* como constituinte da pessoa humana acende as luzes do dia para o caminhante prosseguir. Ao reconhecermos a dimensão do espírito como fonte de *força*, estabelecemos a possibilidade de relação da virtude com a elaboração do sentido de vida pela pessoa enlutada. Nesta perspectiva a definição de virtude como poder ou *força* humanizadora ressoa com toda consistência, pois realmente se traduz na possibilidade da *força* se colocar presente na manifestação da atualização do *habitus*.

Passemos a outro passo esclarecedor no pensamento steiniano com a expressão "atos da vontade". Ela nos diz que estes são "como a decisão, que conduz a um fim, ou seja, são movimentos em direção à determinada meta." (STEIN, 2007, p. 483). A vida do espírito, como entendimento e vontade, possibilita a condução da *força* vital, ou seja, a atividade da vontade orienta a nossa *força*: "A atividade da vontade implica tensão elevada da força. A vontade dirige a força em uma determinada direção." (STEIN, 2003, p. 703). Na dimensão do espírito, o entendi-

mento, ou seja, o intelecto apreende o mundo dos objetos e conhece-o, como também conduz a vontade na realização do seu querer. A clareza sobre o dinamismo da vida do espírito que encontramos no pensamento de Edith Stein nos permite ampliação na compreensão tanto das relações entre vontade e decisão, como também na relação entre a presença da virtude na dimensão espiritual e as possibilidades de elaboração de sentido.

Conceito de Luto: horizonte para prosseguir

Ao falarmos de pessoas que perderam entes queridos, estamos refletindo sobre impactos nas relações de proximidade afetiva, ou seja, de vinculação com o outro. É a relação de vínculo - elo afetivo - que sofrendo o corte (QUEIROZ, MAHFOUD, 2010) nos encaminha para a definição: "Só existe luto quando tiver existido um vínculo que tenha sido rompido." (BROMBERG, 1996, p. 101). Este rompimento provoca múltiplas ressonâncias psicológicas, sociais, familiares, profissionais nos diversos ambientes por onde o enlutado percorre. Como estudioso do tema, Parkes (1988) ressalta que a transição psicossocial vivida no luto proporciona mudanças na concepção de mundo (QUEIROZ, MAHFOUD, 2010):

E o luto ainda se parece com o medo. Talvez, de modo mais estrito, com o suspense. Ou mesmo com esperar; fazer hora à espera de que algo aconteça. Ele confere à vida um caráter permanentemente provisório. Parece que não vale a pena começar algo. Não consigo sossegar. [...] Até então, sempre tivera muito pouco tempo. Agora não há nada, senão o tempo. Quase o tempo puro, a sucessão vazia. (LEWIS, 2006, p. 54-55).

Se o momento mais escuro da noite é o mesmo que gera as primeiras clarezas do dia, o nosso caminhante recebe suas luzes quando Edith Stein nos mostra que a potência da pessoa humana transformada em ato é entendida como virtude – no sentido de *habitus* - que se relaciona com a *força* da dimensão do espírito. A apreensão desta bagagem teórica nos possibilitou elaborar um conceito psicossocial do luto, à luz do *mundo-da-vida*:

O luto é um processo iniciado por uma ruptura desencadeada a partir de uma situação de perda ocasionada pela morte de uma pessoa com quem se tem vínculos de afeto e que leva à instauração de uma crise na relação da pessoa com o seu *mundo-da-vida*. O processo se desenvolve no âmbito de vivências de sensações, emoções, sentimentos, pensamentos e questionamentos que se expressam na unidade das dimensões corpóreas, psíquicas (afetivas) e do espírito. O luto intensifica a necessidade de reelaboração do sentido de vida, da afetividade, da vida prática e do *mundo-da-vida*, trazendo possibilidades de desenvolvimento da pessoa humana considerada em sua vivência comunitária. (QUEIROZ, MAHFOUD, 2010).

Considerações finais

Destacamos a importância do pensamento steiniano que nos permitiu ampliar a compreensão da constituição da pessoa humana nos seguintes aspectos: a

abertura da noção de *habitus* para o entendimento da unidade da *força*; a concepção da dimensão do espírito como fonte de *força*; a relação do dinamismo da *força* com atos da vontade; a presença da virtude em ato, ou seja, potência atualizada, no âmbito da dimensão do espírito. Estas relações nos permitem responder as perguntas deflagradoras afirmando que as manifestações da virtude têm conotação específica de *habitus* em seu caráter constitutivo da pessoa humana e que necessitam do agir humano no contexto biopsicossocial e espiritual para se atualizar, ou seja, transformar potência em ato. “Assim contemplado, o homem se revela como um organismo de estrutura muito complexa: como um todo vital unitário em contínuo processo de fazer-se e transformar-se.” (STEIN, 2003, p. 647). As transformações possibilitam aberturas para a expressão pessoal, pois entre outras formas, por meio da virtude em seus atos é a pessoa que “através de si mesma está neles.” (STEIN, 2007, p. 484).

Neste percurso, a relação entre o significado de *habitus* e de unidade da *força* nos deu clareza e abertura para a compreensão das possibilidades de formação de sentido a partir de vivências da virtude como ato no processo do luto. Com esta afirmação, podemos compreender a manifestação frequente desta temática, pois é uma das formas do homem entrar em contato com sua *força* e manifestá-la como uma expressão de resignificação frente à vida que prossegue. Ao realizarmos este percurso, torna-se clara a palavra *fortitudo* em latim como coragem do ser humano frente às adversidades e que pode ser traduzida como força da alma, no sentido do poder de ser: “A coragem ouve a razão e leva a cabo a intenção da mente. É a força da alma para conquistar a vitória em perigo extremo [...]” (TILLICH, 1992, p. 11).

Apontamos a possibilidade do exercício da virtude como ponte para a redefinição da relação com o mundo do luto, ou seja, a virtude pode contribuir para o fortalecimento da pessoa que vivencia a transição psicossocial do luto no *mundo-da-vida*. Consideramos a presença da virtude como um fator de potencialização e que favorece o processo de reintegração com o *mundo-da-vida* que sofreu modificações e pode ser renovado.

Concluindo o nosso percurso, agora com as luzes claras do dia, visamos contribuir com a promoção de saúde na perspectiva biopsicossocial e espiritual; o reconhecimento do sentido do valor e do cuidado com o humano em nossa cultura; impulsionar mudanças de atitude diante da pessoa que convive com as questões últimas e essenciais da vida.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

AMATUZZI, M. M. Releitura de textos de Tomás de Aquino visando à construção de um pensamento psicológico. *Memorandum*, Belo Horizonte, UFMG; Ribeirão Preto, USP, n. 5, p. 42-54. 2003. [Online]. 2003. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/amatuzzi01.htm>. [10/12/2008]

- ALES BELLO, A. Presentazione. In: STEIN, Edith. *La struttura della persona umana*. Roma: Città Nuova Editrice, 2000. (p. 5-25).
- _____. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru: EDUSC, 2004.
- BERTI, E. *Aristóteles no século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- BROMBERG, M. H. P. F. Luto: a morte do outro em si. In: BROMBERG, M. H. P. F.; KÓVACS, M. J.; CARVALHO, M. M. M.J. de; CARVALHO, V. A. de. *Vida e morte: laços da existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- CÔRREA, J. de A. *Morte*. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- ERIKSON, E. H. *El ciclo vital completado*. Buenos Aires: Paidós, 1985.
- FERRATER MORA, J. Virtude. In: FERRATER MORA, J. *Dicionário de filosofia*. V.4. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 3027-3030.
- HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- _____. *Renovación del hombre y de la cultura: cinco ensayos*. Barcelona: Anthropos Editorial; Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana, 2002.
- LEWIS, C. S. *A anatomia de uma dor: um luto em observação*. São Paulo: Vida, 2006.
- MACINTYRE, A. *Animales racionales e dependientes: por qué los seres humanos necesitamos las virtudes*. Barcelona: Paidós, 2001a.
- _____. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. São Paulo: EDUSC, 2001b.
- MAHFOUD, M. Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber. *Memorandum*, Belo Horizonte, UFMG; Ribeirão Preto, USP, n. 8. 52-61. [Online]. 2005. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/mahfoud02.htm>[30/10/2009]
- MASSIMI, M. *A história do conceito de pessoa*. Palestra proferida no Departamento de Psicologia, FAFICH, UFMG, Belo Horizonte, MG. Manuscrito não-publicado. 2001.
- _____. *Glossário de conceitos da tradição filosófica derivados de Aristóteles e Tomás de Aquino*. Pós-Graduação da Psicologia, FAFICH, UFMG, B.H. Manuscrito não-publicado, 2006.
- PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- PERINE, M. Ato e potência: implicações éticas de uma doutrina metafísica. *Kriterion*, v.94, 1996, p. 7-23.
- _____. *A sabedoria é uma atitude*. Em Novaes, Adauto (Org.). *Vida vício virtude*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, Edições SESC SP, 2009. p. 81-105.
- PIEPER, J. *Las virtudes fundamentales*. 6ª edición. Madrid: Ediciones Rialp, 1998.
- QUEIROZ, M. I. C. de. *A virtude como ato na elaboração de sentido de vida no luto*. Belo Horizonte. 217p. Dissertação (Mestrado). Psicologia Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/VCSA-8CLFXB/1/a_virtude_como_ato_na_elabora_o_de_sentido_de_vida_no_luto.pdf

_____. MAHFOUD, M. A virtude como ato no luto. *Memorandum*, Belo Horizonte, UFMG; Ribeirão Preto, USP, n. 9. p. 40-64. [On-line]. 2010. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a19/queirozmahfoud0> [01/09/16]

REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. v. 5, 2. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

_____. *História da Filosofia Antiga*. v. 2, 2. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002a.

_____. *O saber dos antigos*. Terapia para os tempos atuais. 2ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002b.

_____. *História da Filosofia Antiga*. v. 1. 5. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

STEIN, E. Estructura de la persona humana. In: STEIN, E. *Obras Completas*, V. IV: escritos antropológicos y pedagógicos. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2003. (p. 555-749).

_____. Acto e Potencia. In: STEIN, E. *Obras Completas*, V. III. Escritos Filosóficos. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Vitória: Ediciones El Carmen, 2007, p. 482-528.

TILLICH, P. *A coragem de ser*: baseado nas Conferências Terry, pronunciadas na Yale University. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário a la ética a Nicómaco de Aristóteles*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2000.

ZILLES, U. A fenomenologia como método radical. In: HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 11-55.

Data de recebimento: 08/09/2016

Data de aprovação: 14/02/2017